

LEANDRO KONDER

Aparentemente, não há nada que exista tão objetivamente como o tempo. Nada lhe escapa: ele se impõe a todos os seres. Quem se dispuser a ignorar seu poder será por ele inexoravelmente destruído.

Uma das comprovações da objetividade do tempo parece se encontrar no fato de que somos capazes de medi-lo. Na escala das nossas experiências vividas, imediatas, podemos decompô-lo em décadas, em anos, em meses, em semanas, em dias, em horas, em minutos, em segundos. Na escala das nossas sociedades e do gênero humano, contamos os séculos e os milênios. E no âmbito do cosmo, trabalhamos com o ano-luz e seus espantosos múltiplos.

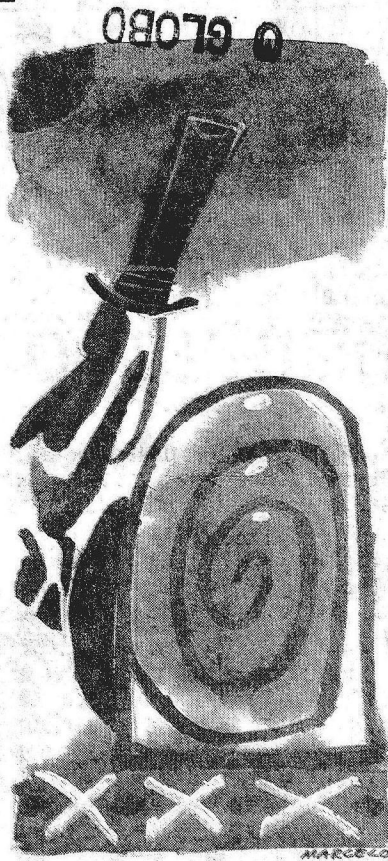
O vigor com que se manifesta essa objetividade, entretanto, acaba por distorcer e deformar a compreensão que temos do tempo, na medida que dificulta a nossa reflexão sobre a dimensão ineliminavelmente subjetiva do nosso tempo.

O tempo em si, objetivo, é sempre, quando o conhecemos, um tempo para nós. Portanto, não é independente da nossa maneira de senti-lo, de encará-lo, de percebê-lo e avaliá-lo.

A história — o conjunto das atividades empreendidas por sujeitos humanos — tem uma grande diversidade de tempos, que não se deixam nem medir pelos relógios, nem enquadrar pelos calendários.

Em suas investigações, os historiadores são levados, constantemente, a se defrontar com movimentos que, embora simultâneos, têm tempos distintos. Uns são mais acelerados, outros são mais lentos e não se pode saber com certeza quais são os que vão prevalecer.

Além disso, os historiadores constatam que, em determinados



períodos, as sociedades podem sofrer certa "cristalização" de algumas formas de sensibilidade ao tempo. Uma maneira de viver o tempo se generaliza e se estratifica, passa a ser considerada "natural" por um grupo humano que já não a "estranha" mais, não se dá conta de que ela é uma "ideologia".

Um desses fenômenos, ao que tudo indica, tem se verificado no Brasil. Um livro fundamental de Ilmar Rohloff de Mattos está dedicado a estudá-lo: "O Tempo Saquarema. A formação do Estado Imperial" (Editora Access & Instituto Nacional do Livro).

O autor da obra analisa o período em que os "saquaremas" (conservadores) desempenharam, no século passado, mais ou menos de 1830 a 1865, um papel decisivo na construção do Esta-

do Imperial e na constituição da classe senhorial à cuja frente se punha a figura de dom Pedro II.

Mostra como os "saquaremas" asseguraram a hegemonia na direção política da sociedade, empenhando-se em hierarquizá-la, em afirmar um poder forte, centralizado, capaz de promover o "Progresso" e de fazer prevalecer a "Razão", sempre garantindo a "Ordem".

Em sua disputa com os "luzias" (liberais), os "saquaremas" acabaram vencendo — e convencendo — tão amplamente que atraíram seus rivais para a arena que lhes convinha: a da discussão sobre reformas inequivocamente subordinadas à preservação da ordem vigente (de modo que o conceito de "revolução" acabou sendo tão desqualificado que foi substituído por rebeliões). As únicas mudanças concebíveis passaram a ser "modernizações" prudentes e lentas: aperfeiçoamentos corretivos sóbrios e pragmáticos, a serem realizados num tempo sabiamente vagaroso.

Ilmar Rohloff de Mattos examina o "Tempo Saquarema" (a época da hegemonia dos saquaremas) e termina por nos alertar para uma certa persistência, na nossa História, de uma determinada noção de tempo (uma determinada maneira subjetiva de aceitar o primado da lentidão conservadora), que influi, ideologicamente, sobre o modo como lidamos com o nosso tempo histórico, hoje.

E seu livro se encerra com uma advertência que não temos o direito de ignorar: passaram-se muitas décadas, muita coisa nova aconteceu, a situação atual é bastante diferente da do século passado, mas a marca do velho conservadorismo subsiste. Os "saquaremas" — diz-nos Ilmar — "estão em nós".